

Desenvolvimento do conector “na hora que” na Língua Portuguesa: uma análise qualitativa sob uma perspectiva construcional



Luis Filipe Lima e Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil / luisf.1397@gmail.com

Trabajo recibido el 2 de marzo de 2017 y aprobado el 26 de abril de 2017.

Evolución del conector “na hora que” del idioma portugués: análisis cualitativo desde una perspectiva construccional

Resumen

El estudio del cambio lingüístico en el marco construccionista se ha desarrollado hace por lo menos una década (Diewald 2006, Bergs y Diewald 2008, Traugott 2008, entre otros). En este artículo, hemos adoptado la perspectiva de la construccionalización (Traugott y Trousdale 2013) para el análisis diacrónico del desarrollo del conector temporal *na hora que* en la lengua portuguesa (LP) (Longhin-Thomazi 2011). La hipótesis es que este conector se ha originado a partir de una expresión que indicaba el significado de *momento*. Con el tiempo, esta expresión ha sido objeto de cambios construccionales graduales hasta construccionalizarse con el sentido de la conjunción *quando*. Para probar esta hipótesis, se eligieron dos *corpora* y dos bases de datos, a saber, Colonia: Corpus of Historical Portuguese (Zampieri y Becker 2013) y C-ORAL-BRASIL (Raso y Mello 2012); Corpus Informatizado do Português Medieval (Xavier y Crispin 2002) y Corpus do Português (Davies y Ferreira 2006), lo que permitió el acceso a un rango de aproximadamente 52,3 millones de palabras de la LP, que abarca el período de los siglos XII al XXI. Los resultados mostraron que el *cline* de construccionalización de este conector se representaría como: *em hora que* (*no momento que*) > *na hora que* (*no momento que*) > *na hora que* (*quando*). La admisión de cambios posconstruccionales se incrementaría en dos formas: *a hora que* > *hora que*.

Palabras clave

diacronía
construccionalización
lengua portuguesa
conector temporal

The development of the connector “na hora que” in Portuguese: a qualitative analysis within a constructional perspective

Abstract

The study of language change from a constructionist framework has been developed at least since a decade ago (Diewald 2006, Bergs and Diewald

Keywords

diachrony
constructionalization
Portuguese language
temporal connector



2008, Traugott 2008, among others). In this paper, we have chosen a constructionalization perspective (Traugott and Trousdale 2013) for a diachronic analysis of the development of the temporal connector *na hora que* in the Portuguese Language (PL) (Longhin-Thomazi 2011). As a hypothesis, we propose that this connector has originated from an expression that indicated the meaning of *momento*. Over time, the expression has undergone gradual constructional changes until it was constructionalized under the sense of the conjunction *quando*. In order to test this hypothesis, we selected two corpora and two databases: Colonia: Corpus of Historical Portuguese (Zampieri and Becker 2013) and C-ORAL-BRASIL (Raso and Mello 2012); Corpus Informatizado do Português Medieval (Xavier and Crispim 2002) and Corpus do Português (Davies and Ferreira 2006), which allowed access to a set of approximately 52.3 million words from the PL, covering the period from the 12th to the 21st centuries. The results showed that the *cline* of the constructionalization of this connector would be represented as: *em hora que (no momento que) > na hora que (no momento que) > na hora que (quando)*. Admitting post-constructional changes, two forms would be added *a hora que > hora que*.

Resumo

O estudo da mudança linguística dentro do quadro construcionista tem se desenvolvido há pelo menos uma década (Diewald 2006, Bergs e Diewald 2008, Traugott 2008, entre outros). Neste trabalho, adotou-se a perspectiva da construcionalização (Traugott e Trousdale 2013) para a análise diacrônica do desenvolvimento do conector temporal *na hora que* na Língua Portuguesa (LP) (Longhin-Thomazi 2011). A hipótese é de que esse conector tenha se originado de uma expressão que indicava o significado de *momento*. Ao longo do tempo, essa expressão sofreu mudanças construcionais graduais até se construcionalizar com o sentido da conjunção *quando*. Para testar tal hipótese, foram escolhidos dois corpora e dois bancos de dados, quais sejam, Colonia: *Corpus of Historical Portuguese* (Zampieri e Becker 2013) e C-ORAL-BRASIL (Raso e Mello 2012); Corpus Informatizado do Português Medieval (Xavier e Crispim 2002) e Corpus do Português (Davies e Ferreira 2006), o que possibilitou o acesso a um conjunto de aproximadamente 52,3 milhões de palavras da LP, que cobre o período do séc. XII ao XXI. Os resultados mostraram que o *cline* de construcionalização desse conector seria representado como: *em hora que (no momento que) > na hora que (no momento que) > na hora que (quando)*. Admitindo-se mudanças pós-construcionais, seriam acrescentadas duas formas: *a hora que > hora que*.

Palavras-chave

diacronia
construcionalização
língua portuguesa
conector temporal

1. Introdução

A passagem de um item lexical para um item gramatical é um fenômeno muito estudado na literatura sob o rótulo de gramaticalização (Hancil e König 2014, para o atual estado da arte). Em particular, vários casos de gramaticalização na Língua Portuguesa (LP) já foram amplamente estudados, como a passagem do sintagma nominal *a(s) gente(s)* para o pronome de primeira pessoa do plural *a gente*, a forma de tratamento *vossa mercê* para o pronome de segunda pessoa do singular *você* (Martelotta e Cezario 2011), o substantivo *mente* para o sufixo formador de advérbios *-mente*, como em *rapidamente*, *furiosamente* etc. (Bauer

2006). Todos os casos mencionados ilustram o processo pelo qual um item que faz parte da categoria lexical passa a fazer parte da categoria gramatical na língua.

Este trabalho se insere dentro dos estudos que buscam explicar o surgimento de conectores na LP, especialmente as conjunções/perífrases conjuncionais, como é o caso da conjunção *embora*, por exemplo, que surge a partir da expressão *em boa hora* (Lima 1997). A perífrase conjuncional considerada para a análise é a construção *na hora que*, conforme ilustrado no exemplo abaixo:

- (1) *TIT: [261] vou comer um pão agora / *na hora que* ea dormir / eu como outro //
(C-ORAL-BRASIL, bfamcv11: Séc. XXI)¹

Trabalhos anteriores em gramaticalização já aferiram o estatuto dessa construção como um conector temporal (Longhin-Thomazi 2011, Sousa e Renck 2011). No entanto, esses trabalhos analisam o estatuto desse conector basicamente com dados sincrônicos. O objetivo deste trabalho é traçar o percurso dessa construção partindo de seu estatuto lexical até alcançar o estatuto gramatical, sob a perspectiva teórica da construcionalização (Traugott e Trousdale 2013), fazendo uso de dados diacrônicos da LP.

Segundo Nascentes (1955), *hora* é uma palavra grega que foi introduzida na LP via latim. Tanto no grego como no latim essa palavra possuía vários significados, entre eles, o que seria considerado o mais básico ou o mais prototípico hoje na LP, o de tempo cronológico específico, como em *são 16:00 horas*. Apesar de não ser o foco deste trabalho observar como a palavra *hora* era usada no grego e no latim, nos dicionários consultados de ambas as línguas, não foi encontrada uma entrada para um significado que, possivelmente, se originou na LP: o de *momento*, como em *bendita seja a hora que comecei a estudar espanhol*². A hipótese considerada neste trabalho é a de que o conector *na hora que* surgiu da construção *em hora que*, passando por mudanças construcionais ao longo do tempo, o que veio a alterar a sua forma para *na hora que*, além de alterar também o seu sentido. O primeiro significado da expressão *na hora que* seria o de *no momento que*, sendo que posteriormente *na hora que* foi construcionalizada como um conector indicando um significado procedural (ou gramatical) mais abstrato equivalente ao da conjunção *quando*.

Este trabalho está dividido da seguinte maneira: na seção 2, apresentam-se os pressupostos teóricos da proposta da construcionalização, incluindo as noções de construcionalização e de mudança construcional, além dos fatores e dos mecanismos envolvidos nas mudanças. Na seção 3, apresenta-se a metodologia do trabalho, expondo-se brevemente os *corpora* e os bancos de dados utilizados para a pesquisa, bem como os parâmetros de análise. A seção 4 consiste da análise dos dados: através da análise de vários exemplos, indica-se o percurso de construcionalização do conector, além de argumentar-se em favor do estatuto de elemento construcionalizado do objeto analisado. Por fim, a seção 5 traz as considerações finais do trabalho.

2. A perspectiva da construcionalização

Este trabalho se baseia na perspectiva teórica da construcionalização, como é tratada na obra de Traugott e Trousdale (2013). O panorama

1. Os exemplos extraídos do *corpus* C-ORAL-BRASIL são segmentados prosodicamente. Nesse sentido, a barra simples “/” indica uma quebra prosódica e a barra dupla “//” indica o fim de um enunciado. As iniciais depois do asterisco identificam o falante, a numeração que aparece em seguida indica o número do enunciado. A sigla bfamcv11 indica a língua (b = português brasileiro), o contexto (fam = familiar/privado), a tipologia interacional (cv = conversação) e o número do texto. Nos exemplos apresentados neste texto, serão adotadas siglas para identificar as fontes de dados: CdP (Corpus do Português), CIPM (Corpus Informatizado do Português Medieval), C-ORAL-BRASIL e Colônia, em seguida o séc. a que se refere o dado.

2. Para o latim cf. Glare (1968, 803) e para o grego cf. Beekes (2010, 1681). Ressaltamos, contudo, a importância da verificação em *corpora* desse significado da palavra *hora* nessas línguas, a fim de atestar a expansão do significado de *momento* expresso por essa palavra na LP. Seria importante também verificar se esse significado existe em outras línguas românicas.

construcionista está vinculado basicamente aos estudos da Gramática de Construções [CxG] (Goldberg 2013, para uma visão geral dos pressupostos comuns às várias vertentes dessa corrente teórica). Para a CxG, a língua é composta de uma rede organizada de construções, sendo essas entendidas como unidades simbólicas e convencionais que exibem uma associação entre forma e sentido. A rede de construções é composta por núdulos interconectados em uma estrutura, que é comumente representada de forma diagramática, assim como qualquer rede conceptual (Fauconnier e Turner 1998). Interessa à CxG descrever formalmente cada construção da língua, bem como as relações estabelecidas entre os vários núdulos da rede.

2.1. Fatores envolvidos na construção

Há três fatores principais que estão envolvidos nas construções: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade diz respeito à categorização por meio de esquemas. Tal categorização envolve a abstração, já que um esquema é uma unidade abstrata de generalização taxonômica de categorias. Os esquemas linguísticos são instanciados da seguinte maneira: na parte mais baixa, existem microconstruções, que são membros de subesquemas abstratos e estes, por sua vez, são instanciados por esquemas ainda mais abstratos. Por exemplo, o verbo *poder* é uma microconstrução do subesquema *modal* que, por sua vez, é parte do esquema *auxiliar*.

A produtividade é gradiente e está relacionada aos esquemas. Ela atua no nível da potencialidade esquemática, ou seja, até que ponto os esquemas instanciam construções menos esquemáticas³. Traugott e Trousdale (2013) mencionam também que há muitos trabalhos que relacionam produtividade à frequência. Os autores associam a frequência *type* à frequência da construção e a frequência *token* à frequência do construto⁴. Dessa forma, quando uma nova construção emerge na língua, espera-se que a frequência do construto aumente – algo já proposto em estudos de gramaticalização (Bybee 2003).

Por fim, a composicionalidade está relacionada à transparência da ligação entre forma e sentido. Ela diz respeito à combinação (*match*) ou à desigualdade de combinação (*mismatch*) entre aspectos sintáticos (ou da forma) e semânticos (ou do significado). Para a CxG, uma construção não é composicional quando o significado do todo não corresponde à soma de suas partes. Por exemplo, na sentença *você pode quebrar meu galho nessa?*, a construção *quebrar meu galho* não indica que o ser humano possui galhos que precisam ser quebrados. Essa construção significa *prover ajuda*, portanto o significado do todo não corresponde à soma dos constituintes da construção. Já uma construção composicional é aquela em que a soma de suas partes é igual ao significado do todo. Por exemplo, a sentença *Marina pratica yoga pela manhã* ilustra uma construção composicional, pois a soma de suas partes indica o significado do todo.

2.2. A perspectiva da mudança no âmbito construcional

Segundo Traugott e Trousdale (2013), para que a mudança seja alcançada é necessário que haja inovação na dimensão interna de uma construção e, posteriormente, que essa inovação seja convencionalizada entre um grupo de falantes. Na perspectiva dos autores, existem dois tipos de mudança: a construcionalização e a mudança construcional. A *construcionalização* é a

3. Por exemplo, a formação de nomes a partir do sufixo *-th* em adjetivos não é mais produtiva no inglês moderno. Portanto, o esquema [AD] + th] é improdutivo, ao passo que o esquema [AD] + ness] instancia várias construções no inglês contemporâneo, sendo assim considerado como produtivo.

4. Aqui a construção é entendida como esquemática e o construto como as realizações possíveis da construção. O termo *token* se refere ao número total de palavras em um *corpus*. Já o termo *type* se refere ao número único de palavras nesse *corpus*. Por exemplo, a palavra *neurobiologia* pode ocorrer 88 vezes em um *corpus*. Esse será o número de *tokens*. Contudo, ela é contada como apenas 1 *type*.

criação de uma nova forma e de um novo sentido. Seu papel é formar novos núdulos, que apresentam uma nova sintaxe ou morfologia e um novo significado. A construcionalização de esquemas é um fenômeno gradual constituído de micropassos. As microconstruções que emergem gradualmente tendem a ser procedurais (ou gramaticais). Dessa forma, a construção perde em conteúdo lexical, migrando assim para a categoria gramatical. Alguns fenômenos tratados como gramaticalização na literatura servem para ilustrar casos de construcionalização. Por exemplo, o desenvolvimento da conjunção *embora* e do pronome *você* na LP. A *mudança construcional*, por sua vez, é uma mudança que afeta a dimensão interna da construção, no entanto sem criar um novo núdulo. Em outras palavras, a mudança que não leva à criação de uma nova construção é uma mudança construcional⁵.

2.3. Os mecanismos de mudança linguística

Os mecanismos da mudança linguística indicam como a mudança ocorre, e não por que ela se dá. Faz-se necessário distinguir, então, entre mecanismos, de um lado, e motivações, de outro. Os mecanismos atuam no processo de configurar e de levar a mudança adiante, as motivações podem ser de diferentes ordens, como sociolinguísticas, pragmáticas ou cognitivas. Traugott e Trousdale (2013) consideram dois mecanismos de mudança: a neoanálise e a analogização⁶. A *neoanálise* é uma nova leitura de uma estrutura linguística, geralmente sintática ou morfológica, em que há uma análise diferente daquela previamente estabelecida e compartilhada entre os falantes. Dessa forma, se há uma nova interpretação para determinada estrutura, logo tal interpretação será um gatilho para que essa estrutura passe por mudanças construcionais e, posteriormente, seja construcionalizada. A neoanálise surge, então, da possibilidade de haver mais de uma leitura ou interpretação de um dado *chunk* ou construção. A motivação para que ocorra a neoanálise é o *parsing* do processamento do conteúdo locutivo do texto. A *analogização*, por sua vez, é o mecanismo de mudança que, por meio do estabelecimento de semelhança conceptual, faz com que uma construção se torne associada com outra, tanto do ponto de vista da forma, quanto do significado. Nesse sentido, é preciso distinguir o pensamento analógico da analogização: o primeiro é a motivação, já o segundo é o mecanismo do processo de mudança linguística.

5. Como exemplo, pode-se citar a mudança morfonológica *will* > *ll*. Tal mudança é aplicada a uma construção já existente, e não cria um novo significado, embora a forma mude. A mudança semântica do verbo nocional *will* (pretender) > marcador de futuro é outra mudança construcional, pois não envolve a criação de uma nova forma, embora o significado mude.

6. Nos estudos de gramaticalização, esses mecanismos são conhecidos, respectivamente, por reanálise e por analogia.

3. Metodologia

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa são mostrados nas subseções abaixo.

3.1. Descrição das fontes de dados utilizadas

Como o intuito deste trabalho é verificar a construcionalização do conector *na hora que*, é necessário observar sua evolução ao longo do tempo. Por isso, o uso de um *corpus* diacrônico é imprescindível nesse tipo de investigação. O fato de haver poucas ocorrências dessa construção —conforme relatado em estudos anteriores (Longhin-Thomazi 2011, Sousa e Renck 2011)— levou à seleção de quatro fontes, sendo dois bancos de dados e dois *corpora*, para extração dos dados, a fim de constituir um conjunto mais robusto de ocorrências da construção. Foram selecionadas três fontes diacrônicas e uma sincrônica, o que possibilitou constituir uma amostragem da LP do século XII até o XXI. A seguir, serão apresentadas breves descrições acerca de cada fonte de dados utilizada neste trabalho.

O *Corpus Informatizado do Português Medieval* (Xavier e Crispim 2002, <http://cipm.fcsb.unl.pt/>) é um banco de dados diacrônico da LP, desenvolvido na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, por uma equipe de linguistas e de estudantes coordenados por Maria Francisca Xavier. Esse banco conta com mais de 2 milhões de palavras, sendo composto por textos que cobrem o período dos séculos XII-XVI. Ele apresenta anotação morfossintática e uma série de outros tipos de anotações concernentes à metodologia de trabalho com textos antigos. Também possui uma interface *online* de busca.

O *Corpus do Português* (Davies e Ferreira 2006, <http://www.corpusdoportugues.org/>) é um banco de dados diacrônico da LP, desenvolvido na Brigham Young University, nos Estados Unidos, por Mark Davies e por Michael Ferreira. Esse banco conta com 45 milhões de palavras, sendo composto por textos que cobrem o período dos séculos XIII-XX. É anotado em POS (*part of speech*) e possui uma interface *online* de busca.

O *Colonia – Corpus of Historical Portuguese* (Zampieri e Becker 2013, <http://corporavm.uni-koeln.de/colonia/>) é um *corpus* diacrônico da LP, desenvolvido na Universidade de Colônia, na Alemanha, por Marcos Zampieri e por Martin Becker. O *corpus* conta com textos dos séculos XVI até o início do século XX (cobre o período de 1500-1936), contabilizando um total de 5,1 milhões de palavras. Os textos são balanceados no que diz respeito à variedade da LP: são 48 textos do português europeu e 52 do português brasileiro. O *corpus* possui uma interface *online* de busca e é anotado em POS.

O *C-ORAL-BRASIL* (Raso e Mello 2012, <http://www.c-oral-brasil.org/>) é um *corpus* de referência do português brasileiro falado informal do século XXI, desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil, por uma equipe coordenada por Tommaso Raso e por Heliana Mello. O *corpus* conta com 139 textos, totalizando 208.130 palavras e 21h 8min de gravação. Ele é dividido em gravações dos registros familiar/privado e público, além de haver monólogos, diálogos e conversações. Esse *corpus* é anotado morfossintaticamente pelo *parser* PALAVRAS (Bick 2000) e segmentado prosodicamente. Também possui uma parte representativa etiquetada informacionalmente, seguindo os pressupostos da *Language Into Act Theory* (Cresti 2000). O C-ORAL-BRASIL foi desenvolvido para capturar o máximo possível de atos de fala; dessa forma esse *corpus* apresenta uma alta variação diafásica.

3.2. Decisão metodológica

Embora a importância da frequência, e da análise quantitativa, de um modo geral, seja amplamente discutida nos estudos de gramaticalização, bem como na proposta da construcionalização, optou-se por não considerar esse tipo de análise no presente trabalho. Isso se deve ao fato de que a quantidade de dados coletados não constitui uma amostra suficiente para embasar uma análise quantitativa de mudança linguística, mais especificamente, de mudança construcional. Obviamente, isso não significa que a análise de frequência tenha menor importância. Pelo contrário, observou-se um aumento no uso da construção *na hora que*, sobretudo a partir do século XX, quando ela já se encontra construcionalizada. Não obstante, o fato de haver, por exemplo, um aumento de 10 *tokens*, em um dado período x, para 40 *tokens*, em um dado período y, num universo de aproximadamente 52,3 milhões de palavras, não nos permite avaliar quantitativamente, com uma boa margem de segurança, se a frequência estaria atuando decisivamente no processo de

mudança. A diferença é praticamente insignificante se comparada a outros estudos que analisam a gramaticalização baseados no aumento da taxa de frequência de uso (Hilpert e Koops 2008, por exemplo). O problema da falta de dados gera uma discussão já muito debatida acerca da representatividade do *corpus* na pesquisa linguística. Esse problema se acentua ainda mais quando se trata de uma pesquisa diacrônica. Certamente, nenhum *corpus* representa a totalidade da língua, portanto se um dado não está presente ou se ele ocorre poucas vezes, não significa que o dado não exista ou que dados com baixa frequência devam ser descartados de uma análise que se propõe investigar a mudança linguística. Entende-se que é preciso adequar a análise ao universo de dados disponíveis. Foi adotada justamente essa concepção neste trabalho, ao restringir-se a análise dos dados a uma perspectiva qualitativa.

3.3. Procedimentos de análise

Os parâmetros de análise dos dados seguem os pressupostos da proposta de Traugott e Trousdale (2013), que dizem que, no fenômeno da construcionalização, o item que está passando por uma mudança aumenta em produtividade e em esquematicidade, mas perde em composicionalidade. O fator do aumento da produtividade no sentido da análise de frequência *token* não será levado em consideração, conforme discutido na subseção anterior.

A busca nos *corpora*/banco de dados foi estabelecida pela palavra *hora*, uma vez que assim seria possível capturar todo e qualquer ambiente sintático em que essa palavra ocorria, bem como verificar se havia outras preposições diferentes de *na* (ou ausência de preposições) que precediam a palavra *hora* na construção *na hora que*. A partir dos dados computados, foram observados o ambiente sintático e o âmbito contextual-discursivo em que a construção ocorria, a fim de julgar o estatuto categorial de item pleno ou de item gramatical da construção que deu origem ao conector.

4. O percurso de construcionalização de “na hora que”

A princípio, a palavra *hora* na LP apresentava três sentidos já no séc. XIV: o de tempo cronológico específico, como em (2), o de expressão dêitica *agora*, como em (3), e o de *momento*, como em (4):

- (2) E, quando [foi] e~ *hora de meya noite*, dormyndo Rodrigo, deulhe o gafo hu~u~ grande bafo per meo das espadoas que tam ryjo lhe sayo per os peitos que foi hu~a grande maravylha. (CIPM: *Crónica Geral de Espanha*, Séc. XIV)
- (3) - Ja eu be~ vejo e entendo que viindo he o meu co~trairo, ca ben conheço eu a sua maneira. E *hora* seede certos que este he todo o seu poder e a força da sua cavallarya. (CIPM: *Crónica Geral de Espanha*, Séc. XIV)
- (4) Muyto era esta batalha bem ferida e co~ grande crueldade, ca os mouros era~ muitos e muy esforçados. E estava~ *em hora* de ve~cer os crista~a~os. (CIPM: *Crónica Geral de Espanha*, Séc. XIV)

A hipótese é de que *na hora que* tenha se construcionalizado a partir do significado exemplificado em (4), tendo em vista que *momento* remete a um instante de tempo não tão definido como *agora* ou como, por exemplo, *meia noite*, o que confere a ele maior possibilidade de se expandir para o sentido

mais abstrato apresentado pelo conector adverbial temporal *quando*. Isso pode ser constatado observando a primeira ocorrência da construção em análise, que se deu no séc. XV, em que a preposição *em* precede o nome *hora*:

- (5) [...] metemdo-lhe logo hu~pao na ma~o, dezemdo que ho tomasse *em hora que* lhe desse D(eu)s muita homrra com vitoria dos ymfies [...] (CIPM: *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, Séc. XV)

Em (5), há uma oração encaixada que sucede *hora*. Essa oração especifica o momento em que se deveria comer o pão. Se não fosse esse o sentido, provavelmente outra construção teria sido usada, como a de tempo cronológico específico: [...] dizendo que o tomasse *em hora de meia noite*, ou como a do dêitico *agora*: [...] dizendo que *hora* o tomasse. É possível notar que essa construção admitia modificadores, mantendo o sentido de *momento*, conforme pode ser visto em (6), em que o modificador *tal* precede o nome *hora*:

- (6) Manha~a~ partirom-se *em tal hora que* nunca pois virom rei Peleam nem rei Peleam eles. (CIPM: *Demanda do Santo Graal*, Séc. XV)

A partir do séc. XVI, há uma mudança construcional no *chunk em hora que*. A junção da preposição e a inserção do artigo feminino resultam em *na hora que*. É preciso mencionar que, embora sejam encontrados poucos casos de *em hora que* nos sécs. XVIII, XIX e XX, a predominância de *na hora que* é notável em todos os sécs. seguintes a partir do XVI. As ocorrências de *na hora que* a partir do séc. XVI somam 96,36% dos dados, ao passo que as ocorrências de *em hora que* a partir do mesmo período somam apenas 3,64% dos dados.

- (7) [...] e far-vos-ei receber *na hora que* vos desposeis. (Colonia: Gil Vicente, Séc. XVI)

Assim como *em hora que*, *na hora que* também admitia modificadores, como pode ser visto em (8):

- (8) [...] *na primeira hora que* se acharam ambos sós, lhe deu conta do disenho e da importância dele (...) (Colonia: *A vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*, Séc. XVI)

Tanto (8), quanto (9) abaixo, mostram um importante passo para a posterior construcionalização de *na hora que*: a ocorrência preposta do constituinte subordinado.

- (9) [...] que Frei João, acautelando-se com tempo, como sabia com quem o havia, *na hora que* houve à mão o fato velho, logo o mandou dar a um pobre. (Colonia: *A vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*, Séc. XVI)

A partir do séc. XVII, há uma predominância no uso de *na hora que* em posição preposta. Esse seria o contexto de neoanálise tanto da mudança de significado de *momento* para *quando*, quanto de fixação (ou *bondedness*) do *chunk*. O fato de o elemento já construcionalizado ocorrer majoritariamente nessa posição, sobretudo nos sécs. XX e XXI, fornece um indício para essa assunção.

- (10) [...] *na hora que* assi estava, era sua conversação sobre as estrelas com tanta abundância de orvalhos da divina graça, que acontecia, em se recolhendo e pondo os olhos em um Crucifixo, ser tanto o ímpeto do espírito (CdP: Séc. XVII)

- (11) *Na hora que* publicou a jornada nao houve homem, dos que lhe podiam dar conselho, que lha nao encontrasse com muitas razoes (CdP:Séc. XVII)

A neoanálise ocorreu provavelmente no séc. XVIII ou no XIX. Anteriormente havia um sintagma preposicional que encabeçava uma oração relativa [_{pp} na hora] que...]. Através do *parsing* linguístico desse conteúdo locutivo, houve uma nova análise que o categorizou como um único *chunk* fixo [na hora que]. Uma possível evidência seria o fato de que, geralmente, em posição preposta, o constituinte subordinado parece ter uma configuração ou um peso sintático reduzido, isto é, apresenta menos complexidade morfosintática, se comparado, por exemplo, aos casos de *em hora que* do séc. XV. Não obstante, pode contribuir para isso, notadamente, o gênero textual⁷. Portanto, essa hipótese deveria ser confrontada com outros fatores que poderiam ter sido também o gatilho da neoanálise, tais como o tipo de verbo, a semântica da sentença, entre outros:

- (12) [...] que forcejava sempre por deixar corrido o véu do nascimento de Jorge, *na hora que* este o sabe, aparece envenenada. (CdP: Séc.XIX)

No séc. XX, o *chunk na hora que* está completamente construcionalizado. Ele funciona como um conector adverbial temporal que introduz uma oração subordinada. Tal oração pode ocorrer tanto preposta como posposta, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (13) *Na hora que* chegou ali, ficou ali. (CdP: Oral Portugal, Séc. XX)

- (14) Só se lembram do bombeiro *na hora que* acontece um incêndio, quando tem enchente, quando tem gente acidentada. (CdP: Oral Brasil, Séc. XX)

É possível observar em (14) que o conector *na hora que* ocorre em um ambiente de justaposição de orações. Nas duas últimas orações justapostas, ocorre a conjunção temporal *quando*; tal alternância evidenciaria o significado proposto do conector *na hora que*. Ainda no séc. XX, o conector sofre mudanças pós-construcionais, que se refletem em redução fonética, conforme se constata nos exemplos abaixo:

- (15) Posso parar de jogar futebol *a hora que* quiser. (CdP: Oral Brasil, Séc. XX)

- (16) [...] *hora que* - você cortar - o movimento - pifa tudo né? (CdP: Oral Brasil, Séc. XX)

Há redução da preposição em *a hora que* e do artigo em *hora que*. Contudo, ainda não é possível prever se de fato essas mudanças pós-construcionais ocorrerão concomitantemente com o conector construcionalizado ou se tomarão o seu lugar.

O *corpus* C-ORAL-BRASIL oferece não apenas as transcrições dos dados de fala, mas também o áudio das gravações. Através da análise dos dados desse *corpus*, foi possível constatar que, na maioria dos enunciados, a oração subordinada introduzida pelo conector aparece preposta e que, em grande parte desses casos, há uma quebra prosódica que separa a oração subordinada da principal:

- (17) *CAR: [77] *na hora que* fizer cinco / nós vamo parar cinco minutos / viu // (C-ORAL-BRASIL, bfamcv05; Séc. XXI)

7. Tanto *em hora que* quanto *na hora que* apresentariam maior probabilidade de ocorrência em textos que permitem ou apresentam uma maior complexidade estrutural, tendo em vista que introduzem orações subordinadas. Além disso, espera-se que ocorram mais em determinados gêneros textuais. Por exemplo, é mais provável que ocorram em maior número em narrativas do que em poesias, assim como em textos orais do que em textos escritos. No entanto, essa hipótese deve ser investigada.

O contexto do enunciado acima se refere a uma partida de futebol entre amigos. CAR diz que após o quinto gol feito por uma das equipes, elas deveriam parar por cinco minutos para um período de descanso.

É importante mencionar que já no séc. XIII ocorria construções como *a hora que*, e que no séc. XIV ocorria construções como *a hora em que*:

(18) Se muytos omees fezere~ outro fiel dalgu~a cousa ou que faça out(ra) cousa qual-quer por que o façan fiel, e *a hora que* o fiel ouu(er) de faz(er) aquillo porq(ue) elles o fezero~ fiel [...] outorgare~ a ffialdad(e) [...] (CIPM: Afonso X, Foro Real, Séc. XIII)

(19) [...] estando hu~u~ dya em oraçon, apareceulhe o confessor Santo Isidoro e disselhe o dia e *a hora em que* avya de morrer [...] (CIPM: Crónica Geral de Espanha, Séc. XIV)

No entanto, considera-se que essas duas construções não serviram como precursoras das mudanças construcionais que a construção *em hora que* sofreu até a sua construcionalização. No exemplo (18), observa-se que a preposição é *a*, e no exemplo (19), a preposição *em* se encontra depois do nome. A princípio, essas duas construções são distintas de *em hora que* e, provavelmente, seguiram caminhos diferentes na LP. Tendo isso em vista, o *cline* de construcionalização do conector *na hora que* proposto é especificado abaixo:

- (20)a. Em hora que (no momento que) > na hora que (no momento que) > na hora que (quando)
b. na hora que (quando) > a hora que > hora que

Em (20a) são apresentadas as mudanças construcionais sofridas pelo *chunk* até ser construcionalizado como um conector. As mudanças construcionais são graduais e envolvem mudança na forma e no significado. O último membro do *cline* apresenta uma nova forma e um novo sentido. Em (20b), são apresentadas as mudanças pós-construcionais do conector *na hora que*. Essas mudanças se dão depois do desenvolvimento do conector e afetam apenas a sua forma.

A proposta da construcionalização diz que um item construcionalizado deve apresentar menor composicionalidade e maior produtividade e esquematicidade. Apresentamos algumas considerações acerca desses fatores a seguir.

Alguns testes sintáticos são úteis para aferir o grau de composicionalidade do conector *na hora que*. Levando em consideração que, no séc. XXI, o *chunk* já está construcionalizado, tomemos o exemplo (17) para ilustrar a aplicação dos testes —o contexto do enunciado já foi explicado acima—. Sendo usada como conector, a construção não aceitaria (i) marcação de plural no nome *hora*, como (21); (ii) modificador adjetival, como (22); (iii) modificador numeral, como (23); (iv) especificação temporal, como (24); e (v) focalização do antigo PP, como (25):

(21) *Nas horas que fizer cinco / nós vamo parar cinco minutos / viu //

(22) *Na tal hora que fizer cinco / nós vamo parar cinco minutos / viu //

(23) *Na primeira hora que fizer cinco / nós vamo parar cinco minutos / viu //

(24) *Na hora de meio dia que fizer cinco / nós vamo parar cinco minutos / viu //

- (25) a. Quando devemos parar? *NA HORA que fizer cinco.
b. Onde a Raíssa encontrou o livro? NA SALA que a Raíssa encontrou o livro.

Observe que no exemplo (25), aparentemente a mesma estrutura sintática pode ser focalizada [[PP na sala [que...]], já a construção *na hora que* não admite esse tipo de operação nesse contexto, justamente porque não é mais analisada como [[PP na hora [que...]], mas sim como [na hora que], o que comprovaria o alto grau de composicionalidade do conector.

Em relação à produtividade, ela pode atuar em três planos: (i) aumento da frequência *token* (ii) formação de novas microconstruções e (iii) expansão de contextos de uso. A partir dos dados analisados, pode-se atestar que a produtividade de *na hora que* reflete o fator (iii), isto é, houve uma expansão de contextos de uso. A princípio, *em hora que* funcionava como adjunto de determinados verbos e, depois de construcionalizada para *na hora que*, passou a introduzir orações subordinadas adverbiais. O fator (ii) parece não atuar nesse conector, uma vez que ele não desenvolve outras microconstruções. Contudo, se se leva em consideração que, por meio da analogização, outra construção emergiu, o fator (ii) poderia estar atuando. Considere o exemplo abaixo:

- (26) Falante A: Você não vale nada. A Ana me contou que você disse que eu sou feia.
Falante B: Que hora eu disse isso?! Eu nunca falei isso na minha vida, meu bem!

De fato, *na hora que* não funciona como advérbio interrogativo. No entanto, possivelmente via analogização com esse conector, a construção *que hora* emerge na LP funcionando como advérbio interrogativo com o sentido de *quando*. Por fim, conforme já discutido, o fator (i) não foi testado neste trabalho.

No que tange à esquematicidade, assumindo que o conector não cria novas microconstruções de forma direta, ele apresentaria um grau baixo desse fator. O aumento de esquematicidade poderia ser considerado se se leva em consideração que o nódulo das conjunções ganhou um novo membro.

5. Considerações finais

Este trabalho analisou diacronicamente o percurso de construcionalização do conector temporal *na hora que*. Por meio de uma análise baseada em dados dos sécs. XII-XXI e nos pressupostos construcionistas de Traugott e Trousdale (2013), foi proposto que tal conector de originou da expressão *em hora que*, surgida no séc. XV, que indicava o sentido de *no momento que*. A partir de mudanças construcionais, no séc. XVI, essa expressão é usada como *na hora que*, ainda indicando o significado de *no momento que*. No séc. XVII, quando essa expressão passa a ser usada majoritariamente em posição preposta, ocorre o gatilho para a neoanálise, que se deu provavelmente no séc. XVIII ou no XIX. A partir do séc. XX, constatou-se que tal expressão é usada na maioria dos casos como um conector temporal que introduz uma oração subordinada, sendo que o seu sentido não é mais o de *no momento que*, mas sim do significado mais abstrato *quando*. Esse conector apresenta perda de composicionalidade e expansão no contexto de uso. No entanto, o seu grau de esquematicidade é baixo, apesar de possivelmente ter dado origem, via analogização, à construção *que hora*, que funciona como advérbio interrogativo também com o sentido de *quando*.

Mudanças pós-construcionais atuam na redução fonética do conector, sem alterar o seu sentido. Ainda é preciso investigar questões como: (i) como se comportava a palavra *hora* sintática e semanticamente no latim e no grego? (ii) quais fatores adicionais contribuíram na neoanálise do conector? (iii) qual a prosódia/pragmática das orações introduzidas pelo conector? Trabalhos futuros poderão elucidar essas questões.

Bibliografía

- » Bauer, Brigitte. 2006. “‘Synthetic’ vs. ‘analytic’ in Romance: The importance of varieties”. Em *Historical Romance linguistics: Retrospective and perspectives*, editado por Randall Gess e Deborah Arteaga, 287-304. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- » Beekes, Robert. 2010. *Etymological dictionary of Greek*. Leiden, Boston: Brill.
- » Bergs, Alexander e Gabriele Diewald, eds. 2008. *Constructions and language change*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- » Bick, Eckhard. 2000. *The parsing system Palavras: Automatic grammatical analysis of Portuguese in a constraint grammar framework*. Aarhus: Aarhus University Press.
- » Bybee, Joan. 2003. “Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency”. Em *The handbook of historical linguistics*, editado por Brian D. Joseph e Richard D. Janda, 602-623. Oxford: Blackwell Publishing.
- » Cresti, Emanuela. 2000. *Corpus di Italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca.
- » Davies, Mark e Michael Ferreira. 2006. *Corpus do português: 45 million words. 1300s-1900s*. Acesso em 03 de fevereiro 2017. <http://www.corpusdoportugues.org>.
- » Diewald, Gabriele. 2006. “Context types in grammaticalization as constructions”. *Constructions* SV1-9: 1-29.
- » Fauconnier, Gilles e Mark Turner. 1998. “Conceptual integration networks”. *Cognitive Science* 22: 133-187.
- » Glare, P. G. W. 1968. *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- » Goldberg, Adele. 2013. “Constructionist approaches”. Em *The Oxford handbook of construction grammar*, editado por Thomas Hoffmann e Graeme Trousdale, 15-31. Oxford: Oxford University Press.
- » Hancil, Sylvie e Ekkehard König, eds. 2014. *Grammaticalization: Theory and data*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- » Hilpert, Martin e Christian Koops. 2008. “A quantitative approach to the development of complex predicates: The case of Swedish Pseudo-Coordination with *sitta* ‘sit’”. *Diachronica* 25.2: 242-261.
- » Longhin-Thomazi, Sanderléia. 2011. “Flutuação e gramaticalização no paradigma dos jutores em português: forma, significado e história de (na) hora que”. *Filologia e Linguística Portuguesa* 13: 147-166.
- » Martelotta, Mário e Maria Cezario. 2011. “Grammaticalization in Brazilian Portuguese”. Em *The Oxford handbook of grammaticalization*, editado por Bernd Heine e Heiko Narrog, 727-737. Oxford: Oxford University Press.
- » Nascentes, Antenor. 1955. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- » Lima, José Pinto de. 1997. “Caminhos semântico-pragmáticos de gramaticalização: o caso de embora”. Em *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, editado por Ana Maria Brito, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima e Rosa Maria Martelo, 643-655. Porto: Campo das Letras.
- » Raso, Tommaso e Heliana Mello, eds. 2012. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- » Sousa, Gisele e Nicole Renck. 2011. “A locução conjuntiva temporal ((n)a) hora que: aspectos inovadores e renovadores”. *Guavira Letras* 13: 138-150.
- » Traugott, Elizabeth. 2008. “Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English”. Em *Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change*, editado por Regine Eckardt, Gerhard Jäger e Tonjes Veenstra, 219-250. Berlin: Mouton de Gruyter.
- » Traugott, Elizabeth e Graeme Trousdale. 2013. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.
- » Xavier, Maria e Maria Crispim. 2002. “O corpus e o dicionário do português medieval”. Em *Anais do II Encontro de Estudos Diacrônicos do Português*, editado por Gládis Massini-Cagliari, 313-323. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras.
- » Zampieri, Marcos e Martin Becker. 2013. “Colonia: Corpus of Historical Portuguese”. *ZSM Studien, Special Volume on Non-Standard Data Sources in Corpus-Based Research* 5: 77-84.